

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

17 de Julho de 2025

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (parte II – conclusão)

UNE AVENTURE DE BILLY THE KID / 1971

Um filme de Luc Moullet

Argumento: Luc Moullet / *Diretores de fotografia* (35 mm, cor): J. J. Flori, Jean Gonnet / *Guarda-roupa:* Western House, Jean-Pierre Soimand / *Música:* Patrice Moullet; Denis Cohen, Jocelyne Boursin / *Montagem:* Jean Eustache / *Som:* Studio Marigny / *Interpretação:* Jean-Pierre Léaud *Billy the Kid*, , Rachel Kesterber (*Ann*), Jean Valmont (*o caçador de recompensas*), Bruno Kresoja (*o índio*), , Sarah, Kathy Maloney, Michel Minaud (*o xerife Holiday*), Bernard Pinon (*o soldado*), Luc Moullet (*o marido*)

Cópia: Digital, versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 78 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada (o filme nunca teve distribuição comercial em França) / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 10 de Julho de 2004, no âmbito do ciclo “Descobrir Luc Moullet – Sob o Signo da Balança”, com a presença do realizador.

Esta terceira longa-metragem de Luc Moullet talvez seja o seu filme mais “estranho” (e nenhum dos seus filmes é “convencional”), na medida em que é o mais datado e o que mais pertence a um tipo específico de cinema, o da época em que foi feito. **Une Aventure de Billy the Kid** não pertence ao género do *western*, claro está, a não ser de modo esporádico e paralelo, mas a um certo cinema e um certo teatro do período em que foi feito. De certa maneira, é um documentário indireto sobre o início dos anos 70. Basta olharmos para as calças de Jean-Pierre Léaud (compradas numa loja chamada Western House, a julgar pelas indicações de genérico), para termos a absoluta certeza que estamos em 1971. Além de Léaud, outro nome arquetípico desta geração e deste cinema está presente no genérico, o de Jean Eustache, como montador. Embora tenha recebido o visto de censura, ou seja, o alvará comercial, o filme nunca teve distribuição comercial em França, embora houvesse espaço na distribuição cinematográfica parisiense dos anos 70 para tudo e mais alguma coisa, inclusive coisas bem mais “estranhas” do que este filme. O prejuízo causado pela aventura acarretou uma pausa na carreira de Moullet, que à exceção de alguns trabalhos alimentares só voltaria à realização em 1976, com **Anatomie d'un Rapport**. Por algum motivo, **Une Aventure de Billy the Kid** teve distribuição comercial na América Latina, dobrado em inglês, com o título **A Girl is a Gun**, que é o primeiro verso da canção do filme (a menos que esta informação seja um *gag* inventado pelo realizador).

Numa entrevista a *Sight & Sound*, publicada no número do Inverno de 1973-74, Jean-Pierre Léaud refere-se a este filme, como “essencialmente, um filme burlesco; o Billy é um autêntico travesti [a total drag]. O filme é muito físico, há muito pouco diálogo. Estávamos interessados em pessoas que usam os seus corpos para se exprimirem. Acho que o filme pode ser descrito como um Jerry Lewis francês, ao qual não faltam sequer as caretas”. Jean-Marie Straub, por seu lado, define-o, de modo um tanto críptico, como “um dos raros filmes surrealistas franceses”. Hoje talvez fosse mais simples defini-lo como uma curiosa mistura de burlesco francês de 1971, com uma variante peculiar do *western* europeu e também como uma espécie de *home movie*.

Moulet faz parte dos cineastas cinéfilos e foi formado, como tantos da sua geração e de algumas gerações posteriores nos áureos tempos dos cineclubes parisienses e da Cinemateca Francesa, mas **Une Aventure de Billy the Kid** nunca funciona em termos de citações cinéfilas. Tendo devorado uma grande quantidade de filmes, entre os quais muitos *westerns*, Moulet evidentemente incorporou-os ao seu filme, mas não enquanto citações conscientes. Numa entrevista de 1977 aos *Cahiers du Cinéma*, ele referiu-se nos seguintes termos a este aspecto do filme: *“A propósito de Une Aventure de Billy the Kid, citaram-me cenas tomadas a Samuel Fuller ou a Raoul Walsh, das quais não tinha consciência. Mas como conheço bem estes dois cineastas, sobretudo Fuller, as pessoas que dizem que há cenas tomadas a Fuller devem ter razão. - Mas conscientemente, não há nada? - Às vezes há, mas digamos que quando é consciente, é disfarçado”*.

É fácil identificar “citações conscientes e disfarçadas” no filme. Há a alusão ao espaço de Monument Valley num pico de pedra que é mostrado por diversas vezes e cuja modesta escala é adequada ao filme. Em determinada passagem, talvez haja uma alusão à interminável cena final de **Duelo ao Sol**. Os tambores que suprem a falta de figurantes talvez sejam uma lembrança de **Apache Drums**. Mas seria ingénuo fazer este tipo de lista. Em **Une Aventure de Billy the Kid**, há sobretudo a reunião de alguns elementos temáticos e visuais do género: além do próprio Billy the Kid, figura mítica do Oeste muito antes do cinema ser inventado (ao morrer, aos 21 anos, tinha mais de vinte mortos às costas, *“sem contar os mexicanos”*) e figura mítica do cinema, há a já citada miniatura de Monument Valley, o assalto a um grupo que transporta dinheiro, um massacre, a travessia de um espaço hostil com um prisioneiro (no caso, uma prisioneira), um xerife, um julgamento sumário, um enforcamento com salvamento, um grupo de índios, uma falsa língua de índios e, ironicamente, a presença mais visível de um burro do que de cavalos. Nos anos 60, com o declínio da Hollywood clássica, um dos seus géneros mais emblemáticos emigrou para a Europa. Os amaneirados *westerns* de Sergio Leone adquiriram com o passar do tempo o estatuto de clássicos, mas realizadores muito menos dotados do que Leone ilustraram o *western spaghetti* e o *western paella*. Há até um exemplo não reconhecido do *western vatapá*, **O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro**, de Glauber Rocha, mais conhecido como **Antonio das Mortes**, em que a metáfora da luta revolucionária é bem menos nítida do que a adesão oportunista à estética do *western spaghetti*. Todos estes filmes são paródicos, como é paródico o filme de Moulet. Há um outro *western* paródico dos anos 60, muito menos conhecido, mas que Moulet provavelmente conhecia: **Le Retour d'un Aventurier**, do nigerino Moustapha Alassane. Mas em Alassane, estamos no prolongamento da *“encenação de seres imaginários”*, que vemos em alguns filmes do seu mestre Jean Rouch. Em **Une Aventure de Billy the Kid** estamos noutro contexto, o de um certo cinema europeu do período, que abandona a linha narrativa, interpola ilusão e distanciação (há um trecho em que Léaud dirige-se directamente à câmara), prefere a noção de comportamento à de representação. É um filme que talvez ilustre um certo impasse na obra de Moulet, depois do díptico formado pelas suas duas primeiras longas-metragens, **Brigitte et Brigitte** e **Les Contrebandières**. De certo modo, **Une Aventure de Billy the Kid** nunca deixou nem deixará de ser um *ovni* cinematográfico.

Antonio Rodrigues